

A arte intervencionista é uma crítica da arte integrada na sociedade atual e uma produção artística que intervém revolucionariamente no seu interior. A arte é uma produção humana que surgiu há milhares de anos e expressa a imaginação humana. Ela se inspira em sonhos e mitos, no que não é real, para criar um novo real, uma realidade ficcional. Essa realidade ficcional, por sua vez, expressa a realidade em que vivemos e por mais que ela queira ser uma realidade paralela, um mundo à parte, ela está envolvida totalmente pelo mundo que nos cerca. Nessa ambiguidade da arte: produto da realidade humana que a expressa e ao mesmo tempo a nega, a arte revela o seu segredo. A arte é expressão e negação da realidade. É expressão por ser um produto social e histórico que, querendo ou não, manifesta a realidade em suas produções. É negação da realidade por ser uma suplantação da mesma, ou seja, simultaneamente conservação e transformação. Ela conserva a realidade por tratar dela, ou seja, por expressá-la, mas a transforma, seja no sentido reprodutivo, através da sublimação, tornando-a sublime, seja no sentido revolucionário, através da crítica social e da superação artística. A arte intervencionista expressa esse último caso.

O presente manifesto não tem o objetivo de dizer o que a arte é e sim o que ela deve ser, o que significa, simultaneamente, dizer o que ela não deve ser. A arte não deve ser sublimação! Ela não deve tornar sublime o mundo desumanizado em que vivemos! Ela não deve mostrar beleza onde há feiura, não deve mostrar vida onde há morte, não

* Moze Rood é um artista intervencionista.



deve mostrar o lado bom para esconder o lado mau, não deve enfeitar as prisões para que nos acomodemos a elas! A arte que enfeita nossas prisões tornando-as “leves”, “coloridas”, “engraçadas”, “misteriosas”, “desejáveis”, “justas”, “realistas”, é a arte dos carrascos. O artista-carrasco é aquele que usa uma máscara para esconder o seu ato vil. Ele traz a morte e a transforma num espetáculo.

O que a arte deve ser? Eis o objetivo desse manifesto: dizer *o que a arte deve ser*. A arte deve ser intervencionista! Isso é diferente de dizer que a arte deve “intervir”, pois toda forma e manifestação de arte intervém, seja para conservar ou para transformar.

Quando um pintor expressionista retrata um casal burguês num barco atravessando o rio, está intervindo, pois está revelando valores, sentimentos, concepções.

Se alguém olha tal quadro e só vê técnica, “beleza”, “obra de arte”, e não vê esses elementos manifestos, é pelo motivo de que ele pensa que a arte é um espelho e vê apenas o seu reflexo. Assim, se um palhaço olha o espelho, só enxergará a si mesmo, ou seja, o seu reflexo.

Mas o reflexo do palhaço ou é apenas a aparência de palhaço, com suas roupas e nariz vermelho, ou é a autoimagem do palhaço, tal como ele se vê. E ele se vê pelos olhos da sociedade, pois os seus valores, sentimentos, concepções, interesses, são constituídos por ela a partir da posição específica que ele ocupa no seu interior.

Um palhaço de circo de origem humilde e pequena bagagem cultural ao observar tal quadro poderá apenas ver a aparência: um casal (não saberá identificar que é de burgueses) num barco que atravessa o rio e que foi obra de um pintor (não saberá identificar quem é o pintor, a não ser que leia o nome, e muito menos que tal pintor tem mentalidade burguesa).

Onde está a intervenção? A intervenção está no quadro e em sua mensagem. Se ela surtiu efeito ou não, é outra questão.

O efeito artístico do quadro sobre o palhaço humilde é o de que ele não diz nada, assim como, por conseguinte, pode passar, de forma subjacente, a ideia de que a arte não diz nada. A arte é apenas arte, assim como um artista é apenas um artista e um palhaço é apenas um palhaço. Não são nada! E, não sendo nada, não mudam nada. Eis a mensagem para quem não entendeu a real mensagem. O efeito artístico existe e pode ser o original, a sublimação da vida burguesa, ou pode ser o espelho de quem olha, mas a mensagem



nunca será o contrário do que ela quis dizer. Se um sociólogo da arte vê o mesmo quadro e consegue identificar uma cena da vida burguesa, e identificar que o pintor tem uma “visão burguesa de mundo”, pode apenas realizar tal constatação e relacioná-la com a divisão de classes, seja sob forma relativista, seja sob forma “neutra”. Algum artista poderá até dizer que tal quadro é “revolucionário”, mas aí temos a palavra com seu sentido deformado, restrito a questões técnicas.

Se toda arte realiza intervenção, então qual é a razão para defender uma arte intervencionista? Para respondermos a esta questão precisamos passar da discussão sobre o que a arte é para a reflexão sobre o que ela deve ser. E já ficou claro que a arte deve ser intervencionista, o que é uma obviedade. Então é preciso esclarecer o que é a arte intervencionista. A arte intervencionista é aquela que realiza uma forma específica de intervenção e se fundamenta na *concepção estética intervencionista*, que se consubstancia em alguns *princípios artísticos que nos dizem o que a arte deve ser*.

A arte deve ser intervencionista!

O primeiro princípio do intervencionismo é que a arte deve ser intervencionista. Toda manifestação artística realiza intervenção, mas isso não quer dizer que seja intervencionista. Para entender isso é preciso saber o que significa intervencionismo. Não se trata aqui da palavra em seu sentido comum, muito menos como “intervenção estatal”. Aqui se trata de algo próximo ao que Karl Jensen denominou “intervenção revolucionária”¹. Mas é apenas “próximo”. A ideia de “intervenção revolucionária”, no contexto apresentado por Jensen, é de uma organização revolucionária que atua no sentido de contribuir com o desencadeamento de um processo revolucionário. Nesse sentido, a ideia ganha algo de “exterioridade”, por tratar de relação entre “organização revolucionária” e “movimento operário”, discussão já tradicional nos meios militantes. No caso do intervencionismo artístico, não há tal exterioridade. A arte intervencionista não é uma organização e sim uma concepção estética de um movimento artístico que gera e é ao mesmo tempo uma produção cultural e por isso sua relação com o movimento operário, com as classes inferiores em geral, com o resto da sociedade, é distinta. Ela tem

¹ Cf. JENSEN, Karl. *Que Fazer? A Resposta Proletária*. Goiânia: Edições Redelp, 2020.



um elemento “exterior” por se defrontar com indivíduos, coletividades, classes, que são conservadoras ou progressistas e por isso a sua mensagem é externa, mas ela tem um elemento “interior” por ser um produto social e histórico que é disseminado pela sociedade. A arte intervencionista pode formar grupos de artistas intervencionistas, mas não é arte de um partido como o foi a arte pseudocomunista dos partidos pseudocomunistas.

A arte intervencionista é aquela que intervém revolucionariamente com o objetivo de contribuir com a revolução social. Assim, é um intervencionismo revolucionário na forma e no objetivo da intervenção no âmbito da produção artística. A forma da intervenção revolucionária é a forma revolucionária. Vamos retomar isso adiante. O objetivo da arte intervencionista é contribuir para a revolução ocorra e para isso efetiva a crítica social sob as mais variadas formas, retoma a utopia, o projeto do novo. O projeto do novo não é qualquer “novidade” e por isso a arte intervencionista não se confunde com “modismos”, “modernismos”, “pós-modernismos”. Trata-se do radicalmente novo, da utopia. A utopia como sonho de uma sociedade radicalmente diferente, humanizada, fundada na liberdade e igualdade. Um sonho possível e só não realizado por causa das forças da conservação, inclusive as que aprisionam as mentes dos indivíduos e da maioria dos artistas. A liberdade da arte intervencionista não é a do liberalismo, da liberdade individual, do individualismo, e sim uma forma superior de liberdade, na qual o indivíduo possa realizar suas potencialidades e se realizar autenticamente como ser social e ao mesmo tempo como ser singular, individual. É a liberdade da individualidade mais desenvolvida ao lado da socialidade mais desenvolvida, numa livre associação de seres humanos. A igualdade da arte intervencionista não é a da uniformização artificial ou da escassez e sim de seres humanos livres e associados sem exploração, dominação, subordinação, alienação e outros processos sociais semelhantes.

Assim, a arte intervencionista visa a revolução como objetivo, mas o objetivo final é a sociedade autogerida, o que implica abolição das classes sociais, do capital, do mercado, do dinheiro, do Estado, da burocracia, bem como da arte profissional, dos artistas especializados e profissionais. Numa sociedade autogerida, todos serão artistas, pois todos produzirão obras de arte. A arte não estará limitada pelas ideologias,



organizações burocráticas, controle estatal, capital, dinheiro, formalismos, entre milhares de outros obstáculos. Numa sociedade de indivíduos livres, emerge uma arte livre.

A arte é exemplo de práxis, quando os artistas não são alienados e hegemonzados pelo capital. A práxis é uma atividade teleológica (que tem uma finalidade) consciente e a arte, em certos casos, é um dos poucos espaços na qual ela pode se manifestar. O proletário – e quase todos os demais trabalhadores – estão submetidos ao trabalho alienado, são controlados por outros e estes controlam também o resultado do seu trabalho. Os artistas, quando são controlados por outros, também são alienados, e o resultado do trabalho artístico é controlado por quem os aliena. O ator de cinema é o exemplo máximo do artista alienado. Ele recebe um *script* e deve segui-lo, e o diretor lhe passa o figurino, diz como deve fazer em cada detalhe, etc. O ator não ajudou a compor o roteiro, o personagem, a cena, etc. Ele é como um robô que ao invés do controle remoto é controlado por vários outros. O filme não tem nada dele a não ser a sua presença corpórea e sua interpretação mais ou menos competente e com maior ou menor importância dependendo do personagem. Mas isso pode ser diferente. Charles Chaplin mostrou isso em *Tempos Modernos*, pois não era apenas o ator do personagem que era protagonista, como também diretor, roteirista, etc. Isso é diferente quando o ator é famoso o suficiente para interferir no processo, com maior ou menor conflitos, como fez Orson Welles em *O Terceiro Homem*². Mas, por mais que haja distintas “autonomias relativas” dos atores, que depende do produtor, diretor, investimento, ator, entre diversas outras determinações, existem casos em que o ator pode não ser alienado. Uma peça teatral escolar pode ser produzida coletivamente e o ator pode participar de todo o processo e da decisão coletiva, escapando da alienação. O intervencionismo significa práxis artística revolucionária que visa a constituição da sociedade autogerida, que é uma das formas de luta pela transformação social radical e total!

A arte intervencionista deve ser radical

O segundo princípio da arte intervencionista é a radicalidade. A arte intervencionista deve expressar figurativamente a realidade sob forma radical, ou seja,

² Cf. VIANA, Nildo. *Cinema e Mensagem*. Porto Alegre: Asterisco, 2012.



mostrar as raízes, o que é essencial. A arte intervencionista pode tematizar todo e qualquer fenômeno social, natural, psíquico. A arte intervencionista pode ser até mesmo intimista, pode trabalhar os próprios sentimentos do artista produtor. O que é exigência da arte intervencionista é que seja radical ao realizar tal expressão, o que significa superar a superficialidade, a artificialidade. O artista intervencionista pode tratar do “eu individual, mas nunca ficará no “eu superficial”. O “eu superficial”, com seus interesses imediatos, suas mesquinhas, seus oportunismos, ou, dependendo quem é o indivíduo, com suas grandezas e pequenezas, também pode ser – e deve ser – abordado pela arte intervencionista. Mas de forma radical, mostrando que por detrás do “eu artificial” há um “eu profundo”, mostrando que tal “eu artificial” é um produto social e histórico, que tem um significado social, entre diversos outros elementos. Claro está que tudo isto depende do contexto, da forma de arte, e outras determinações, não sendo um modelo rígido a ser aplicado invariavelmente. Se eu escrevo um conto sobre o “eu superficial”, então posso desenvolver mais; mas se faço uma poesia, aí já há limites formais. Se o tema da obra de arte é o feminismo, Hitler, a Revolução Francesa, é preciso radicalidade. Não é possível produzir um quadro intitulado “a feminista” e colocar uma mulher sem depilação ou então com a aparência de Rosa Luxemburgo, pois nem um dos dois seriam exatos e revelariam superficialidade e não radicalidade. A radicalidade pressupõe mostrar a essência e não a aparência ou formas assumidas por um determinado fenômeno. E Hitler? Um louco? Era mais do que um louco. O próprio louco precisa ser explicado, bem como por qual motivo se colocam loucos no poder. A radicalidade traz consigo a criticidade em relação a tudo o que é vinculado ao mundo existente.

Isso aponta para um pressuposto da radicalidade. O artista deve pesquisar, deve buscar desenvolver sua consciência do mundo, das relações sociais, da sociedade. De nada adiante as “boas intenções”, pois somente isso pode levar o artista ao encontro com Nero, Hitler, Mussolini, Stálin, John Rockefeller e outras “companhias agradáveis”. A superficialidade se manifesta de forma mais visível na música popular, inclusive pela bagagem cultural menor dos cantores e compositores populares. Na música popular brasileira isso é visível. Nós aprendemos com Cazuza o que não é a burguesia e o que não é a ideologia, pois ele não pesquisou sobre isso e caiu em contradições por tratar do que desconhece. Sem dúvida, a arte quando é produzida apenas pelo uso livre da imaginação



é mais prazerosa, mais fácil, mas mais pobre, mais equivocada, menos humanista e menos nobre. *O esforço intelectual da pesquisa, da leitura, quando é algo livre e decisão do artista, é também um prazer.* Descobrir como as relações sociais se constituem e reproduzem, como a sociedade se organiza, entre outros elementos, é fundamental para o artista e é prazeroso, gerando descoberta e a satisfação de ter conseguido realizá-la, que é complementado pela satisfação de inserir a mesma na produção artística, enriquecendo-a em seu conteúdo e em sua forma. Um cantor de música brega não precisa de nada mais do que suas experiências cotidianas e ouvir músicas semelhantes e repetir velhos chavões sob forma musical. É algo pobre e cuja única satisfação é o do sucesso e fama, quando ocorre, mas que é a forma mais passageira de autossatisfação. Um cantor que compõe uma música na qual reuniu informações, reflexões e saber sobre o seu tema, não só apresentará um conteúdo mais rico, mas até mesmo a forma tende a ser mais desenvolvida, pois será preciso mais do que um refrão e dois chavões.

A radicalidade exigida pela arte intervencionista é também sobre si mesma, não só quando aborda um tema intimista, mas em geral. O artista deve refletir sobre si mesmo como artista e como indivíduo, se situando no mundo, nas relações sociais, analisando sua história de vida e buscando se autonomizar. Ele não deve reproduzir o que a sociedade diz que ele é e deve ser e nem o que pensa ou acha que é, naturalizando isso, pois ele é um produto social e histórico e o que importa é o que ele faz diante disso. Um robô que se julga autônomo e que decidiu ser o que é, se revela tão pouco livre quanto um robô que segue a programação feita pelo seu programador. A única diferença entre ambos é que o programador programou um para se dizer e sentir “livre” e o outro para aceitar a prisão, mas ambos são programados. O artista-robô é um pobre infeliz, mesmo quando se julga feliz. Um artista só pode ser realmente livre se ele reconhece sua prisão, como foi parar nela e o que precisa fazer para se livrar dela. E para isto é preciso radicalidade. Mas não se trata de simplismo, pois isso é consciência e essa não é suficiente para mudar o mundo, pois somente quando a consciência gera ação e isso é realizado em associação, pois o indivíduo não muda o mundo – nem a si mesmo – apenas com consciência e/ou sozinho. A ruptura, para ocorrer, pressupõe desenvolvimento da consciência e da associação. Exigir do indivíduo uma transformação total quando ele está encarcerado numa prisão é o mesmo que exigir que o passarinho voe livremente dentro de uma gaiola. Um artista,

Vol. 05, num. 09, 2021.

[7]



assim como qualquer indivíduo na nossa sociedade, nunca vai superar tudo, pois além das grades que nos cercam, as internas e as externas, existem outras determinações. Não se deve confundir espontaneidade com liberdade. O que o artista intervencionista deve ser é alguém que busca desenvolver sua consciência, que busque se associar com outros com os mesmos objetivos, e que desenvolva arte intervencionista. Um indivíduo que reconhece que está acorrentado não se livra de suas correntes só por causa disso, mas se prepara e luta para romper com elas. Ele deve buscar armas para quebrar as correntes e tentar usá-las. Acusar um erro aqui, um deslize ali, é apenas moralismo. O moralismo é geralmente superficial, hipócrita e oportunista. Os artistas, como quaisquer indivíduos, podem avançar mais ou menos, o que interessa é conseguir, pelo menos, aderir ao projeto revolucionário e o encampar o mínimo na sua vida. Aí temos um artista intervencionista. Deixemos para os moralistas a cobrança da perfeição, em sua compreensão limitada disso, e busquemos o avanço e o compromisso com a revolução. E para isso é preciso radicalidade, pesquisa, autorreflexão. *A arte só é intervencionista se for até a raiz e a raiz para o ser humano leva ao humanismo radical. O humanismo radical traz a percepção do desencontro entre o ser humano e a natureza humana na sociedade capitalista desumanizada e a necessidade de sua superação pelo reencontro entre ser humano e natureza humana na sociedade autogerida.*

A arte intervencionista deve unir imaginação e razão

O terceiro princípio da arte intervencionista é a de que a arte deve unir imaginação e razão. A arte é uma das poucas formas de consciência na qual podemos dar livre vazão à nossa imaginação. A imaginação é a ação dos nossos sentimentos, inconsciente, etc., em nossa mente, na qual a censura, o formalismo, a razão instrumental, tem menor interferência. O surrealismo trouxe uma contribuição inestimável com a ideia de escrita automática. Um escritor pode transformar seus sonhos, manifestação do inconsciente, em obra de arte (conto, romance, poesia, etc.). Existem sonhos belos e profundos, que, com pouca intervenção, se torna uma grande obra de arte. Porém, é preciso reflexão sobre tal sonho, seu significado, bem como sua adaptação ao mundo real para aumentar sua compreensibilidade e para tomarmos cuidado com seu efeito artístico.



A razão deve intervir no sentido de criar uma totalidade ampla e organizada que repasse uma mensagem que seja a coerente com a arte intervencionista.

A imaginação revolucionária é fundamental na arte intervencionista. Ela revela sentimentos que inspiram e fornecem beleza para a obra de arte, bem como valores, que são semiconscientes, o inconsciente, etc. A razão dialética é o seu complemento necessário, pois é o que lhe garante a beleza racional e a organização geral num todo belo e artístico. A razão dialética ganha primazia na organização da teoria, mas é preciso entender que na produção artística, ela só tem força acompanhada pela imaginação revolucionária. Caso contrário, por mais que siga os passos formais para uma obra ser considerada artística, lhe faltará artisticidade. A razão dialética não pode ser descartada na produção artística intervencionista, mas não pode viver existir a imaginação revolucionária e sem reconhecer a primazia desta. Senão não é arte, é teoria. E a teoria tem seus próprios meios de expressão. A arte intervencionista é racional, mas não é adepta da razão instrumental, da razão pragmática, do racionalismo e sim da razão dialética, a forma de autoconsciência humana mais desenvolvida e é tão desenvolvida que reconhece os sentimentos, o inconsciente, os valores, a sociedade. Assim, *o lema da arte intervencionista é “imaginação revolucionária e razão dialética”!* Unidas e complementares! Mas a razão dialética possui a primazia na produção teórica, enquanto que a imaginação revolucionária possui a primazia na produção artística. Inverter isso significa *empobrecer a arte e enfraquecer o seu efeito artístico.*

A arte intervencionista deve ser unitarista

O quarto princípio da arte intervencionista é que ela deve ir além do formalismo e do conteudismo através do unitarismo. Há um longo debate nos meios intelectuais sobre formalismo e conteudismo. A crítica maior sempre foi ao formalismo, que é reinante na produção artística moderna. Os formalistas em geral, tal como a arte abstrata e o cânone literário formalista, sempre supervaloraram a forma em detrimento do conteúdo. Porém, existem também os críticos do conteudismo, como Galvano Della Volpe. Ambas as posições são problemáticas e não ultrapassam o antinomismo do pensamento burguês. Toda forma é a forma de um conteúdo, já dizia Marx e Korsch o recordava. O unitarismo é a defesa da unidade entre forma e conteúdo.

Vol. 05, num. 09, 2021.

[9]



Uma obra de arte é uma totalidade, composta por forma e conteúdo. O artista intervencionista não pode se preocupar apenas com a forma e nem apenas com o conteúdo. Ambos devem ser levados em consideração. Porém, há uma primazia na arte que é a mesma de todas as demais produções intelectuais, que é a do conteúdo. Se for necessário sacrificar algo, que se sacrifique a forma! O seu sacrifício não significa, porém, o seu abandono, mas sim o descuido em relação a ela, o que compromete a qualidade da obra artística. O artista intervencionista não descuida da forma. Se ela fica limitada, é devido aos limites do contexto, do artista, etc. O conteúdo possui primazia, mas a harmonia entre forma e conteúdo é fundamental e somente razões externas podem explicar o seu sacrifício, que seria o seu entrave intencional (por determinações externas) ou inintencional.

Porém, não se deve cair no conteudismo e esquecer que arte é uma forma específica e é graças a isso que ela possui sua especificidade. A arte é uma expressão figurativa da realidade³ e seu caráter figuracional é fundamental. O abandono dessa forma significa que determinada obra não é artística. Pode ser uma produção teórica, um panfleto, uma propaganda, mas não é mais arte. Assim, se Picasso pintasse um quadro no qual aparecesse uma garrafa de Coca-Cola e abaixo viesse escrito “beba Coca-Cola” e essa fosse a única mensagem repassada, isso não é uma obra de arte. É propaganda. Se aparecesse em um jornal uma tira em quadrinhos do Gato Félix bebendo o mesmo refrigerante com um balão de diálogo com a mesma mensagem, também não seria obra de arte e sim propaganda. Da mesma forma, se um militante revolucionário escreve uma música ou poesia contendo o seguinte dizer:

*Vamos fazer a revolução
Entre para a Liga Revolucionária
Assuma uma posição libertária!
Essa é a solução
Viva a revolução!*

Isso não é música ou poesia, é propaganda. Aqui não há forma artística. Para dizer isso faça um panfleto ou jingle, pois não se trata de poesia ou música só por ter rima. Assim como o personagem Gato Félix em quadrinhos não constitui uma história em

³ Cf. VIANA, Nildo. *A Esfera Artística*. 2ª edição, Porto Alegre: Zouk, 2011.



quadrinhos ou um quadro do Picasso que faz propaganda de Coca-Cola não é uma pintura. A arte pressupõe a figuração. Se não há ficção, não há arte. Documentário não é filme, não é arte; quadrinhos não é histórias em quadrinhos; jingle não é música. Assim, a forma artística tem um significado mais amplo. E por isso as definições de histórias em quadrinhos com base apenas em quadros, onomatopeias e coisas semelhantes é pobre e inexata, bem como de filme apenas como uso de recursos tecnológicos. A forma artística é o que garante a artisticidade. Não se deve confundir forma artística com técnica, uso de técnicas/tecnologias, meios técnicos de composição.

A forma artística é o meio de expressão, que engloba os meios técnicos de composição, mas vai além. Assim, usar quadros, onomatopeias, balões de pensamento e de diálogo, são meios técnicos de composição, que fazem parte dos meios de expressão. Porém, os meios de expressão englobam também uma determinada forma de compor e expressar que é um processo de composição que tem caráter não-técnico, no sentido mais restrito do termo. Um indivíduo que sabe desenhar, fazer os quadros, balões, onomatopeias, mas não tem ideias de composição de um personagem, de uma história, é apenas um desenhista, pois lhe falta a outra parte da forma artística, que são os meios figuracionais de expressão. A forma artística remete ao figuracional e este assume forma diferente em artes diferentes. A harmonia das cores é um elemento técnico da pintura, mas não é da literatura, bem como o saber sobre técnica musical não é necessário para se pintar um quadro ou realizar uma peça teatral, a não ser em casos específicos, quando é a música se torna o tema da obra artística. O figuracional determina os meios técnicos de expressão.

O conteúdo é a mensagem. Quando Rembrandt pinta “Ronda Noturna”, ele não tirou uma fotografia. Ele usou meios técnicos e figuracionais para expressar como ele concebia a guarda cívica. Um pintor medíocre pode saber usar os meios técnicos, mas se não tem meios figuracionais, será como um fotógrafo sem câmera fotográfica. Rembrandt tinha meios figuracionais, inseparáveis da mensagem que queria passar. A deformação é intencional e mostra uma percepção da realidade repassada na mensagem. Um intérprete tecnicista pode descrever a ideia de movimento, o jogo de cores, etc., mas não entende a mensagem, que pode ficar totalmente ausente. Assim como alguns assistem um filme e elogiam aspectos técnicos, mas não compreendem a mensagem. O fundamental é a



mensagem, mas o artista pobre, assim como o intérprete medíocre, pode desconsiderá-la, mas ela sempre estará presente, por pior que seja.

Isso, no entanto, nada diz sobre a qualidade da arte. A arte para ser de boa qualidade precisa de que a forma artística seja bem trabalhada e que o conteúdo seja rico. A obra de arte é uma totalidade de forma e conteúdo, mas a avaliação da qualidade é derivada de valores e para o critério intervencionista, o conteúdo é o fundamental, mas isso não significa desconsiderar a forma. Uma obra de arte com excelente conteúdo, mas com forma precária é inferior a uma que tenha conteúdo excelente e uma forma melhor desenvolvida. No entanto, ela é superior a uma obra de arte que tenha uma forma caprichada, mas um conteúdo ruim ou conservador. Assim, o critério intervencionista, que deveria ser o critério de todos, leva em conta a totalidade da obra de arte e coloca uma escala superior para o conteúdo.

Assim, *uma obra de arte é uma totalidade unitária de forma e conteúdo*. E a arte intervencionista deve ser aquela que produz conteúdos, ou seja, mensagens, fundadas no humanismo radical, apontando para a revolução. Isso não deve ser interpretado de forma simplista. Não se trata de ficar colocando a palavra “revolução” nos quadros, músicas, filmes, peças teatrais, esculturas, etc. Trata-se de uma perspectiva, na qual se realiza a crítica desapiedada do mundo atual e dos mundos passados que se fundamentaram na exploração e na dominação, que mostra a beleza que resiste a uma sociedade na qual reina a feiura, que manifesta a luta, a esperança, que reanima a utopia, que manifesta valores axionômicos, que retoma a verdade.

A análise, no entanto, deve ser profunda para evitar equívocos e simplificações. Uma mera descrição da exploração e do sofrimento de trabalhadores não é uma arte intervencionista. Mas se for uma trilogia ou sequência de obras, na qual uma mostra isso e na sequência se mostra a luta e a esperança, aí temos uma obra que segue os princípios da arte intervencionista. Uma música popular que tematiza a utopia ou efetiva a crítica do formalismo musical ou, ainda, destaca o amor sexual, isoladamente pode ser considerada limitada, mas se o compositor/cantor a insere num conjunto que vai além desse tema isolado, então está de acordo com os princípios da arte intervencionista. *A arte intervencionista une crítica social e utopia a partir do projeto autogestionário e da união entre forma e conteúdo*.

Vol. 05, num. 09, 2021.

[12]



A arte intervencionista deve ter compromisso com a verdade

O quinto princípio da arte intervencionista é o compromisso com a verdade. É comum nos meios artísticos, intelectuais, militantes, revolucionários, uma ideia equivocada sobre a questão da verdade e sua relação com a arte. Para alguns, a arte não tem nada a ver com a verdade. Para outros, a verdade é relativa, subjetiva, de cada indivíduo, grupo, etc. O artista intervencionista deve superar esses equívocos. A arte tem a ver com a verdade não no sentido de que ela deva copiar as formas de consciência que visam mostrar, diretamente e imediatamente, a verdade. Nem no sentido de que cada obra de arte deve manifestar a verdade. No primeiro caso, a arte expressa a verdade sob a forma figurativa e não direta. No segundo caso, a obra pode tematizar a mentira ou usá-la ironicamente. Se um poeta produz uma poesia que diz “o céu é azul” e outro diz “o céu é verde”, poderia se interpretar que o primeiro diz a verdade e o segundo diz uma mentira ou reproduz uma ilusão. Isso é uma simplificação equivocada. As duas afirmações dependem do contexto, do objetivo, da forma, etc.

O compromisso com a verdade por parte do artista e da arte intervencionista se refere à totalidade do processo de produção artística. Se um modismo prega a apologia do pacifismo e os meios oligopolistas de comunicação reforçam isso, não cabe à arte intervencionista reproduzir tal coisa, o que vai, obviamente, ter ressonância na produção de obras de arte. Enquanto a manada de artistas conformistas estará tematizando a paz, o pacifismo, etc., os artistas intervencionistas estarão tematizando outras coisas ou então questionando o modismo, os interesses por detrás dessa apologia, os vínculos mercantis e burocráticos, etc. E isso pode se manifestar em obras de arte. O significado disso é que a arte intervencionista sempre está em alerta e com senso crítico diante da realidade, da maioria, dos consensos, dos vínculos entre ideias supostamente “revolucionárias” ou “avançadas” e os setores conservadores/progressistas da sociedade, bem como ela não evita dizer a verdade visando agradar o “público”, a “maioria”, “correntes predominantes de opinião”, “concepções hegemônicas”, etc.

O artista intervencionista quer que suas obras de arte sejam conhecidas e reconhecidas pela sua qualidade e mensagem. *A arte intervencionista busca produzir obras que tenham reconhecimento por sua qualidade e mensagem e não rebaixa a*



qualidade e a mensagem para ter reconhecimento. Se o trabalhador não se reconhece e não se satisfaz com o produto do seu trabalho alienado, mas se reconhece e satisfaz quando o produto é resultado de sua práxis; o artista intervencionista foge da produção artística alienada e se satisfaz de sua produção enquanto práxis.

Assim, o compromisso com a verdade é uma exigência da arte e do artista intervencionista e sua manifestação concreta em cada obra de arte específica varia. E aqui novamente há a necessidade de pesquisa e esforço intelectual por parte do artista intervencionista. Não há arte intervencionista se houver concessões para concepções ilusórias, mentiras, oportunismos, modismos. O artista intervencionista deve superar as ilusões e condenar a mentira reprodutora do poder. A arte é do reino da fantasia (da imaginação autoconsciente) e não do reino da ilusão (autoengano insciente) ou da mentira (inverdade intencional). *A arte intervencionista não é apenas um movimento de artistas engajados, ela é também uma concepção estética e exige a verdade e condena a ilusão e a mentira.*

A arte intervencionista deve ser uma práxis

O sexto princípio da arte intervencionista é que ela deve ser uma práxis. A arte como manifestação da práxis é uma atividade (trabalho, ação) teleológica (possui uma finalidade, um plano, anterior ao início da execução) consciente (o processo é efetivado conscientemente) e, para se efetivar, é necessária uma consciência mais ampla dos artistas intervencionistas.

A artista intervencionista deve, portanto, ser um pesquisador. Ele não pode, no entanto, pesquisar apenas a arte, a técnica da produção artística, a história da arte, a sociologia e a filosofia da arte, a concepção marxista da arte, os movimentos artísticos. Ele deve compreender a sociedade em que vivemos, sua dinâmica e tendências. Obviamente que ele não precisa se tornar um *expert* ou escrever livros sobre as questões sociais, mas deve se esforçar por entender os elementos básicos da sociedade moderna, bem como aspectos derivados e, quando abordar um tema social específico em sua produção artística, pesquisar sobre o mesmo. Não tem como ele evitar as ilusões, deixar de acreditar em mentiras, não cometer equívocos graves, ceder a modismos, se não fizer isso. A arte intervencionista tende a ser perene, e por isso ela se distingue da arte venal,

Vol. 05, num. 09, 2021.

[14]



meramente comercial, bem como da arte hegemônica ou ambígua, ou mesmo a dissidente da hegemônica. As obras de arte venais são passageiras e pobres de conteúdo, enquanto que a arte intervencionista é duradoura e rica em conteúdo. Enfim, *o artista intervencionista deve se esforçar para ser prático e, sendo assim, deve desenvolver a sua autoconsciência e a consciência da sociedade capitalista, suas contradições, sua dinâmica, sua historicidade, suas tendências, sua finitude.*

A arte intervencionista deve ser práxis. Superar o trabalho alienado em favor da práxis é a aspiração de todo verdadeiro artista. A generalização da práxis na arte pressupõe generalização da práxis na sociedade, ou seja, exige a autogestão. O que a práxis significa para o indivíduo, a autogestão significa para a sociedade. A práxis, no entanto, só pode existir plenamente quando é generalizada, ou seja, através da sociedade autogerida. Assim, a arte intervencionista é a arte que não só intervém, pois isso é característica de toda produção artística, mas *o faz de forma revolucionária com objetivo revolucionário e através da práxis visando sua generalização, ou seja, a constituição da sociedade autogerida.*

A arte intervencionista deve expressar a perspectiva do proletariado.

O sétimo princípio do intervencionismo é que a arte deve expressar a perspectiva do proletariado. A perspectiva do proletariado é o conjunto de valores, sentimentos, concepções, que expressam os interesses históricos-fundamentais do proletariado e que exigem a transformação radical e total das relações sociais e a constituição de uma sociedade autogerida.

Isso não significa cair no populismo, na busca de agradar os indivíduos proletários ou a maioria dos indivíduos da classe operária, nem tematizar apenas questões da vida cotidiana do proletariado. Também não significa encampar as reivindicações imediatas, como aumentos salariais, trocas de governos para empossar o menos ruim, etc. Expressar os interesses históricos-fundamentais significa a transformação social radical e total e a abolição do próprio proletariado, que se abole ao abolir o capital. E os interesses imediatos entram em contradições com os interesses histórico-fundamentais em muitos casos, bem como a classe operária vive sob hegemonia burguesa e por isso deve ser criticada e ser incentivada a avançar e superar esse processo e desenvolver a hegemonia



proletária. Os temas da vida cotidiana do proletariado podem aparecer, mas de forma crítica. As reivindicações imediatas, quando justas e legítimas e quando colaboram com a luta direta, a ação, a organização, o desenvolvimento da consciência, podem e devem ser apoiadas.

Os artistas intervencionistas não caem no reboquismo, tal como se colocou acima, mas também não caem no vanguardismo burocrático, não busca dirigir o proletariado. *O objetivo é contribuir com a luta operária revolucionária e incentivar para o avanço da consciência, a criação de organizações autárquicas, a união da classe e a unificação das lutas dos proletários com os artistas, revolucionários e todos que buscam a transformação social radical e total.*

A arte intervencionista deve ser utópica

O oitavo princípio da arte intervencionista é que ela deve ser utópica. Isso é diferente de ser utopista. A arte intervencionista não apresenta planos detalhados e mirabolantes para uma sociedade futura. Ela apenas reforça a necessidade de abolição da sociedade capitalista e instauração da sociedade autogerida e contribui com esse processo e manifesta artisticamente a perspectiva do proletariado, as experiências autogestionárias das revoluções proletárias, a teoria da autogestão, para além da crítica do capitalismo.

A arte intervencionista não confunde transformação social radical e total com propostas de reformas do capitalismo. Ela não coloca como sua finalidade a “diminuição da pobreza”, “a distribuição de renda”, “a estatização dos meios de produção”, a “democratização da sociedade”. Ela propõe a sociedade autogerida, o que significa a abolição da pobreza (e não sua diminuição), da renda (e do salário, dinheiro, mercado, etc.), do Estado, da democracia burguesa (que é a democracia realmente existente). No lugar dessa sociedade, na qual reina o capital e a produção de mercadorias voltada para o lucro, a produção de valores de uso; ao invés de estado, burocracia e democracia, a autogestão generalizada; ao invés de divisão da sociedade em classes e suas subdivisões e problemas derivadas, uma sociedade sem classes na qual todos passam a ser produtores associados; em lugar da divisão social do trabalho, divisão temporal do trabalho.

A arte intervencionista é utópica e por isso não tem compromissos com a sociedade existente, com suas ilusões, com os interesses imediatos de nenhum setor dessa



sociedade, e por isso pode efetivar a crítica radical e desapiedada do existente e propor um mundo radicalmente diferente. *A arte é revolucionária ou não é nada e a arte intervencionista é revolucionária e por isso rompe com as manifestações artísticas medíocres e que não são nada.*

